



## **SALVE A LAGOA DE ARARUAMA: UMA ANÁLISE DAS METÁFORAS CONCEPTUAIS NOS DISCURSOS DOS PESCADORES DE ARRAIAL DO CABO-RJ**

## **SAVE THE ARARUAMA LAGOON: A ANALYSIS OF CONCEPTUAL METAPHORS IN THE SPEECH OF FISHERMEN FROM ARRAIAL DO CABO-RJ**

**Jacimara Ribeiro Merizio Cardozo**

Doutorando em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense  
[ribeirojacimara@gmail.com](mailto:ribeirojacimara@gmail.com)

**Sérgio Arruda de Moura**

Doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Professor Associado I da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro  
[arruda@uenf.br](mailto:arruda@uenf.br)

**Resumo** - Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a metáfora conceptual LAGOA de ARARUAMA É CAMPO DE BATALHA junto à metáfora LAGOA DE ARARUAMA É PESSOA no contexto do “cenário de resgate da Lagoa” instaurado nas falas e nas composições poéticas de seus pescadores. Parte-se da questão-problema: como se instaura o cenário da salvação da lagoa de Araruama no discurso dos pescadores? A hipótese se estrutura da seguinte forma: i) há um herói (aliviador) que são os próprios pescadores orientados pelo projeto Pescarte; ii) há um crime, uma aflição, que é a poluição da lagoa; iii) há uma vítima, um aflito, que é a própria lagoa “um ser doente”; iv) há um vilão, o causador da aflição, o homem que poluiu a lagoa e os políticos que não atendem às necessidades da comunidade. Fundamenta-se na Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2002[1980]), Lakoff (1992, 2014), na metáfora no discurso político de Musolf (2004), Gibbs (1994) e Goatly (2007), e nas metáforas bélicas de Vereza (2001) e Carvalho (2006). Serão analisadas entrevistas feitas aos pescadores durante o Simpósio de Linguagens e Letramentos realizado pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf) em outubro de 2021, bem como outras entrevistas avulsas feitas em 2022, a partir da metodologia da Análise Crítica da Metáfora de Johnatan Charteris-Black (2004, 2005, 2021), uma abordagem interdisciplinar entre a análise crítica do discurso e a linguística cognitiva, considerando a interdependência semântica, pragmática e cognitiva da metáfora.

**Palavras-chave**- Lagoa de Araruama; metáforas conceptuais; discurso político

**Abstract** -The general objective of this research is to investigate the conceptual metaphor LAGOA DE ARARUAMA IS A BATTLE FIELD together with the metaphor LAGOA DE ARARUAMA É PESSOA in the context of the “scenario of rescuing the Lagoon” established in the lines and poetic compositions of these fishermen. It starts with the question-problem: how is the scenario of saving the Araruama lagoon established in the fishermen's discourse? The hypothesis is structured as follows: i) there is a hero (reliever) who are the fishermen themselves guided by the Pescarte project; ii) there is a crime, an affliction, which is the pollution of the lagoon; iii) there is a victim, an afflicted person, who is the lagoon itself “a sick being”; iv) there is a villain, the cause of the distress, the man who polluted the lagoon and the politicians who do not meet the needs of the community. It is based on the Theory of Conceptual Metaphor by Lakoff and Johnson (2002[1980]), Lakoff (1992, 2014), the metaphor in political discourse by Musolff (2004), Gibbs (1994) and Goatly (2007), and the metaphors wars by Vereza (2001) and Carvalho (2006). Interviews given to fishermen during the Language and Literacy Symposium held by the Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf) in October 2021 will be analyzed, as well as other individual interviews made in 2022, based on the methodology of the Critical Analysis of Metaphor by Johnatan Charteris- Black (2004, 2005, 2021), an interdisciplinary approach between critical discourse analysis and cognitive linguistics, considering the semantic, pragmatic and cognitive interdependence of metaphor.

**Keywords**- Araruama Lagoon; conceptual metaphors; political speech

## 1. Introdução

A comunidade pesqueira de Arraial do Cabo-RJ, face a crimes ambientais e luta por melhores condições de trabalho e renda, conceptualiza metaforicamente a lagoa de Araruama de forma a posicionar-se politicamente e militar por seus valores. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a metáfora conceptual LAGOA de ARARUAMA É CAMPO DE BATALHA junto à metáfora LAGOA DE ARARUAMA É PESSOA no contexto do “cenário de resgate da Lagoa” instaurado nas falas e nas composições poéticas de seus pescadores. Parte-se da questão-problema: como se instaura o cenário da salvação da lagoa de Araruama no discurso dos pescadores? A hipótese se estrutura da seguinte forma: i) há um herói (aliviador) que são os próprios pescadores; ii) há um crime, uma aflição, que é a poluição da lagoa; iii) há uma vítima, um aflito, que é a própria lagoa “um ser doente”; iv) há um vilão, o causador da aflição, o homem que poluiu a lagoa e os políticos que não atendem às necessidades da comunidade.

A proposta de análise fundamenta-se na Teoria da Metáfora Conceptual de

Lakoff e Johnson (2002[1980]), Lakoff (1992, 2014), na metáfora no discurso político de Musolff (2004), Gibbs (1994) e Goatly (2007), nas metáforas bélicas de Vereza (2001) e Carvalho (2006) e a partir da metodologia da Análise Crítica da Metáfora de Johnatan Charteris-Black (2004, 2005), uma abordagem interdisciplinar entre a análise crítica do discurso e a linguística cognitiva.

Serão analisadas entrevistas feitas aos pescadores para o Simpósio de Linguagens e Letramentos realizado em outubro de 2021 no âmbito do Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte, como medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo IBAMA-Petrobras e Uenf.

## **2. Constituição política da linguagem**

### **2.1 O fazer político: linguagem, ideologia e mito**

Partimos do fato de que o pescador não deve ser idealizado como um ser folclórico, uma personagem de narrativas literárias, mas um agente crítico social, trabalhador que luta por melhores condições de vida e trabalho e que, portanto, pode usar a poesia como instrumento de luta, como manifestação discursiva. Isto significa inserir o pescador dentro de um olhar permeado pelo discurso político. Quando pensamos em discurso político, precisamos primeiramente desmistificar a ideia de que se trata apenas de discurso de um governante legitimado por uma comunidade, um político em seu sentido partidário. Para o discurso ser político não basta ser pronunciado por um político, mas vai depender da situação de comunicação que o torna político. Isso requer observar a construção das intencionalidades do discurso que manifestam o desejo coletivo de fazer um bem comum (CHARAUDEAU, 2006). Também é importante refletirmos sobre a essência do que é “ser político”. Partiremos aqui da ideia de que ser político, para além de ser oriundo de um campo de governo, é posicionar-se diante de uma situação polêmica, conflituosa, para o caso específico do conflito ambiental do *corpus* deste artigo. A posição tomada por alguém diante de uma situação que se bifurca em posições já instaura outra essência do “ser político” que é a constante luta pelo poder, ou ainda pela resistência ao poder. Para o posicionamento dos pescadores, face ao conflito ambiental, entendemos que essa essência está na resistência ao poder que poluiu e continua poluindo a lagoa. Por outro lado, a resistência ao poder implica juntar forças de um grupo que resiste. Isso é um desejo de uma coletividade, isso também é política, pois “a política é vista

como cooperação, como as práticas e instituições que uma sociedade tem para resolver conflitos de interesse sobre dinheiro, influência, liberdade e afins” (CHILTON, 2004, p. 3).

Compreendida a dimensão social do discurso político, importa refletir sobre a essência da linguagem para o fazer político, porque consideramos que não há como fazer política sem o uso da linguagem/língua. Para Charteris-Black (2005), “a linguagem é a força vital da política”, e isso acontece porque, segundo o autor, “a política nunca teria se desenvolvido sem linguagem (CHARTERIS-BLACK, 2011, p. 3). Também segundo Chilton (2004, p. 5), “o fazer político se constitui predominantemente na linguagem”. O autor, ao falar sobre discurso político, barganha e persuasão, preocupa-se em estudar e explicar “como o uso da linguagem pode produzir os efeitos de autoridade, legitimidade, consenso, e assim por diante, que são reconhecidos como intrínsecos à política (CHILTON, 2004, p. 3). Outrossim, Charteris-Black complementa Chilton ao apresentar a finalidade da política que é se preocupar em “adquirir, manter e sustentar poder”, pois o fazer político diz respeito a “como os recursos são alocados e como as ações sociais são harmonizados para fins predeterminados” (CHARTERIS-BLACK, 2005, p. 3).

Para a análise do discurso frente a um conflito ambiental que parte de um grupo de pescadores, aqui interessa observar o efeito de “consenso” como liame das falas de cada pescador frente ao contrassenso das empresas e instituições consideradas “inimigas”. De igual modo, observamos que o conflito ambiental, diante da requisição da lagoa limpa e própria para o trabalho do pescador, tem a sua origem justamente a partir da “má alocação de recursos” para a despoluição da lagoa e, conseqüentemente, há o surgimento da ação social do grupo de pescadores com a harmonia, impulsionada pelo sentimento da coletividade laboral, para um fim predeterminado: salvar a lagoa. É esse sentimento coletivo que aciona outra essência da política que aqui precisa ser delimitada para a análise proposta. Trata-se da ideologia. Segundo Charteris-Black:

Uma ideologia é um conjunto coerente de ideias e crenças aderidas por um grupo de pessoas que fornece uma representação organizada e sistemática de mundo sobre o qual eles podem concordar. Porque 'ideologia' se refere a ideias em vez dos indivíduos que sustentam essas ideias, a discussão da ideologia frequentemente parece ocorrer como se existisse separado da sociedade. É importante não esquecer que a ideologia é um fenômeno inerentemente social, porque contribui para a formação de uma identidade de grupo e proporciona a base para comunicar uma visão de mundo aos

outros (CHARTERIS-BLACK, 2005, p. 21).

Consideramos que o objetivo de salvar a lagoa seja uma manifestação da ideologia do grupo de pescadores, em especial. É a ideologia que dá identidade a esse grupo no estado atual em que se encontra a lagoa pela perspectiva histórica de seu passado fértil e nostálgico quanto ao trabalho do pescador que se beneficiava da abundância de camarão. Esse “conjunto coerente de ideias”, como afirma o autor, pode vir materializado de diversas formas, inclusive apresentado por meio de narrativas construídas por cenários de crime e salvação, como propusemos enquanto objetivo de análise.

Além disso, importa notar que “salvar a lagoa” não se restringe à ideologia do pescador, porque não se limita aos indivíduos que sustentam a ideia, como defende Charteris-Black, mas sim a ideia em si que pode ser manifestada, veiculada, defendida por outras pessoas circunscritas no perímetro territorial e ideológico de luta contra o efetivo tratamento da lagoa.

É justamente pela importância da ideia, e não simplesmente de quem a apresenta, que a ideologia precisa virar história certa a ser contada, como defende Charteris-Black:

[...] uma pré-condição para estabelecer certas ações como legítimas – no sentido de que seguem um conjunto de ideias estabelecidas – independentemente de essas ideias ainda estarem codificadas em um sistema jurídico particular. Uma ideologia é baseada em um conjunto de intenções que são reivindicadas como 'certas' e combinam o pensamento certo, tendo intenções e contando a história certa, porque um grupo que está unido por propósitos sociais precisa ter uma história para contar (CHARTERIS-BLACK, 2005, p. 21).

Defenderemos na análise proposta neste artigo que a história certa a ser contada é a narrativa do cenário da salvação da lagoa, esta que explicita a apresentação do “pensamento certo” de que a lagoa ainda não foi despoluída e sofre as ações de um vilão, e, para isso, é necessária a ação do herói, ações que são legitimadas pela referida história certa contada. Essa história pelo cenário da salvação da lagoa é o mito que, pela definição de Charteris-Black, compartilha a ideologia e tem como finalidade persuadir e envolver o público. Para o autor, o mito age no ouvinte “fornecendo histórias que expressam aspectos do inconsciente. Ele fornece uma base de representação narrativa de experiências intangíveis que são evocativas, porque estão inconscientemente ligados a emoções como tristeza, felicidade e medo” (CHARTERIS-BLACK, 2005, p. 21). Assim, é pelo mito que se constrói a imagem do vilão e do herói e, pelo vilão, diante do crime, da maldade, há

a construção de uma representação negativa de instituições, empresas, políticos, etc. Logo, se há um vilão, o narrador da história, que é o herói, narra a história certa. Toda a intenção da criação do mito tem o objetivo de gerenciar as emoções, como o medo do perigo de a lagoa “morrer”. Dessa forma, “essas emoções requerem um meio expressivo para acomodá-las em uma narrativa social que permite que eles (os mitos) sejam aceitos e compreendidos (CHARTERIS-BLACK, 2005, p. 21). Construir o mito pelo cenário da salvação é uma forma de trazer para a experiência política, esta que é domínio muito abstrato, um domínio mais concreto, figurativo com a construção de crimes, vilões, heróis, etc. Portanto, o “mito torna-se uma forma de articular ideologia, porque relaciona noções abstratas à nossa experiência da realidade; é uma maneira eficaz de fazer ideias abstratas parecer acessível” (p. 21). Concebemos o mito, entretanto, não como uma ideia de não verdade, não como uma mentira, mas sim como uma construção criada na linguagem e pela linguagem que articula uma visão de mundo de um grupo.

## **2.2 Análise crítica da metáfora**

A metáfora é objeto de estudo desde o campo da filosofia. Aristóteles já apresentava o conceito de metáfora a partir da nomeação de algo pertencente a outro campo de domínio semântico, ou seja, a essência da metáfora está na ideia de transferência de significados de um domínio-fonte para um domínio-alvo. Porém, importa aqui esclarecer que tomaremos como base a metáfora conceptual, uma construção de pensamento que, por construções hipotéticas, possui evidências na linguagem, e não uma simples figura de linguagem ornamental a um discurso. Lakoff e Johnson (1980[2002]) apresentaram a visão linguística e cognitiva da metáfora pela Teoria da Metáfora Conceptual. Para eles, a metáfora está infiltrada no cotidiano das pessoas e tais construções de pensamento influenciam seu pensar e agir. “Os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões de intelecto, eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 45). Para Kovecses (2010), Lakoff e Johnson trouxeram uma inovação que desafiou o conceito de metáfora até então defendido, pois deixou de ser produção apenas de gênios e grandes poetas e passou a ser compreendidas como construções cotidianas, produzidas por pessoas comuns. Assim Kovecses resume os princípios da metáfora conceptual como produção cotidiana:

(1) a metáfora é uma propriedade de conceitos, e não de palavras; (2) a função da metáfora é entender melhor certos conceitos, e não apenas algum propósito artístico ou estético; (3) a metáfora é frequentemente não baseada em similaridade; (4) a metáfora é usada sem esforço na vida cotidiana por pessoas comuns, não apenas por pessoas talentosas especiais; e (5) metáfora, longe de ser um ornamento linguístico supérfluo, embora agradável, é um processo inevitável do pensamento e raciocínio humanos (KOVECSES, 2010, p. IX).

Outrossim, a metáfora aqui também concebida é instrumento de persuasão que está a serviço da ideologia pela construção das narrativas do mito, das histórias contadas para a manifestação de uma visão de mundo de um grupo. Charteris-Black (2011) assim define a metáfora a partir da concepção de transferência de significado:

Vou definir uma metáfora como uma palavra ou frase usada com um sentido diferente de outro sentido mais comum ou mais básico desta palavra ou frase. A sensação de que uma palavra comumente tem seu significado literal; ao analisar a base conceitual da metáfora, usamos o termo "domínio de origem" para nos referirmos a este senso comum, significado literal. O sentido metafórico difere do senso comum ou básico e é conhecido como o "domínio de destino" da metáfora. Portanto, uma metáfora é uma mudança no uso de uma palavra ou frase dando um novo sentido. Se o sentido inovador for adotado, ele eventualmente mudará o significado de uma palavra que é usada metaforicamente (CHARTERIS-BLACK, 2005, p. 31).

Ao analisar a metáfora, o analista do discurso não está em busca de simples construções de linguagem, mas observa um novo sentido que é atribuído a uma palavra e, mais ainda, procura investigar a escolha da construção desse novo sentido diante da intencionalidade discursiva em evidência. Isso requer observar seu significado básico, convencional, anterior ao seu uso e seu significado metafórico empregado no contexto. Isso acontece porque "metáforas vêm a existir quando há uma mudança na forma como uma palavra é usada: é por isso que metáfora é uma característica do uso da linguagem ou 'discurso'" (CHARTERIS-BLACK, p. 37). Porém, é importante saber identificar e separar as evidências linguísticas da metáfora e seu sentido literal. Koveceses (2010, p. 4) afirma que é fundamental saber "distinguir metáforas linguísticas de itens linguísticos não metafóricos (ou seja, literais)" Para isso, há uma metodologia específica criada pelo Grupo Pragglejaz que construiu o procedimento de identificação de metáfora conhecido como MPI.

A metáfora é a âncora dessa análise de corpus cuja temática gira em torno de um conflito ambiental, porque esse conflito, antes de tudo, é uma guerra de palavras, de linguagem também e, como afirma Charteris-Black (2021, p. 37), "as metáforas fornecem munição para o debate". Lakoff e Johnson (2002) apresentam a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, a partir de evidências linguísticas intuitivas

criadas pelos autores, como “ele **atacou** todos os pontos fracos da minha argumentação” ou “suas críticas vão direto ao **alvo**”, ou ainda “se você usar essa estratégia, ele vai **esmagá-lo**” (p. 46). Isso mostra o quanto, na linguagem cotidiana, conceptualizamos uma discussão em termos de guerra. Eis a fórmula da metáfora: conceptualizar X em termos de Y em que Y é o domínio-fonte e X é o domínio-alvo. Se entramos em um debate temos o desejo de vencer nosso opositor, nosso adversário. Assim, o domínio-fonte GUERRA pode servir para diversos outros domínios-alvo, como o casamento, o esporte, etc, além do próprio conflito ambiental marcado pela defesa da despoluição da Lagoa de Araruama.

Assim, é por meio do pensamento de transferências de nossas experiências acerca da guerra para outros domínios mais complexos de nossas vidas, como, por exemplo, a política, que podemos compreender e criar cenários de metáfora, principalmente no discurso político. Musolff (2006) fala da importância do “cenário de metáfora” para mostrar a função argumentativa da metáfora. Dessa forma, criar um cenário com narrativas construídas por personagens figurativas que giram em torno de um crime, de uma guerra, é um instrumento para se apresentar um “pensamento certo”, uma “história certa”. É pelo cenário que temos acesso a uma cena, um enredo, um personagem heroico, um vilão, uma ação, etc. Musolff (2004) também fala do cenário de metáfora e da necessidade de se investigar tendências atitudinais e argumentativas do público bem como da diversidade de histórias que podem ser contadas para manifestar uma ideologia, matriz de um mito. Para o autor, “não existe uma única ‘história certa’ e um mito atraente é aquele que pode contar muitas histórias” (MUSOLFF, 2004, p. 28). Para esta pesquisa, importa observar como o cenário da salvação é instaurado e com que intenção de tendência atitudinal para o público de pescadores os discursos analisados (manifestados nas entrevistas, documentário, poesias) são construídos.

É justamente pela escolha e pelo uso da linguagem no contexto do significado metafórico e do pensamento metafórico que Charteris-Black, pela base da Teoria da Metáfora Conceptual e da Análise Crítica do discurso, propõe a Análise Crítica da Metáfora como instrumento teórico-metodológico para analisar a metáfora no discurso pelo diálogo entre a semântica, a cognição e a pragmática. O autor defende a ideia de que “as metáforas são geralmente influentes porque nos convencem de certas maneiras de ver o mundo” (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. XII). Como iluminam uma maneira de ver o mundo e apagam outra maneira, as metáforas

devem ser estudadas pela dimensão crítica, até porque, segundo o autor “uma melhor compreensão da linguagem é a base da criação de uma sociedade melhor” (p. XII). Assim, estudar a metáfora é um caminho para a compreensão crítica da linguagem e, conseqüentemente, para a criação de uma sociedade menos ingênua.

É pela metáfora que um grupo de pessoas pode apresentar uma maneira de pensar sobre um evento, um acontecimento ou um lugar de forma a servir a seus interesses. É por isso que a metáfora é alicerçada também na construção de representações, “como por exemplo, a personificação” (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 8), fenômeno também conceptual muito produtivo no discurso dos pescadores, dentre os quais um poema produzido por um deles em que a Lagoa de Araruama é personificada para estruturar um cenário da salvação. Charteris-Black (2004, p. 21) afirma que a personificação, assim como a despersonificação e a reificação, é um dos três critérios linguísticos para representar a tensão semântica que a metáfora ocasiona. Assim, a metáfora é muito importante para desenvolver a ideologia. Pela construção metafórica é possível representar novas ideias, pela materialização de novas palavras, para preencher o léxico e fazer o “alongamento dos recursos do sistema linguístico para acomodar mudança no sistema conceitual”. Além disso, “pode servir como um recurso para transmitir avaliação autoral. Este é um papel pragmático, porque reflete as escolhas linguísticas que realizam intenções dentro de um determinado contexto” (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 8). É com a dimensão pragmática que a Análise Crítica da Metáfora se coaduna, pois tem como propósito investigar o que está oculto nos discursos e o que intencionalmente pretende-se esconder. Para o autor, pela Análise Crítica do Discurso importa “tornar explícitas as motivações políticas e ideológicas que, de outra forma, seriam implícitos ou ocultos” (p. 27). Isso significa a descrença na neutralidade dos textos e também a busca pelos processos sociais que levam a escolhas consciente, processos esses que estão ocultos, ou opacos, nas manifestações discursivas (CHARTERIS-BLACK, 2004). Já a Análise Crítica da Metáfora, segundo o autor, “é uma maneira de revelar ideologias subjacentes, atitudes e crenças – portanto, constitui um meio vital de entender mais sobre as complexas relações entre linguagem, pensamento e contexto social” (p. 41). Isso se dá pela função retórica da metáfora, que cumpre seu papel social de despertar emoções para persuadir.

### **3.1 Metodologia**

Nosso recorte metodológico se pautará na seleção dos discursos de posicionamentos críticos sobre a situação negativa em que se encontra a lagoa produzidos pelos sujeitos investigados. Tais posicionamentos contradizem os discursos “oficiais” ou tornados oficiais pelas reportagens produzidas pelas emissoras locais, ou seja, são aqueles discursos produzidos a partir de construções de linguagem e pensamento – as construções metafóricas e o cenário metafórico construído como estratégias de persuasão – que defendem que há muito o que se fazer para tratar as águas da lagoa de Araruama. Assim, selecionamos duas cadeias de discursos produzidos pelos pescadores, as que denunciam o caráter inverídico das reportagens e a denúncia protagonizada pelos pescadores, em frontal oposição ao discurso que diz o contrário. Com essa metodologia, constituímos os blocos discursivos que se contrapõem e geram o conflito ideológico, atravessado por contendas no âmbito da linguagem.

#### **4.1 Resultados e discussões**

A poluição da Lagoa de Araruama é um crime ambiental. Isso é fato. Porém, esse crime, antes de ser um conflito ambiental apenas da realidade, abre-se a uma arena de guerra de discursos produzidos na e pela linguagem. De um lado está o grupo que defende o renascimento da lagoa, os resultados de um trabalho de despoluição. Há intencionalidade em mostrar que o crime foi compensando e a lagoa está renovada. Por outro lado, há um grupo que quer mostrar outra verdade (considerada aqui verdade discursiva), a verdade de que a lagoa não está renovada, e que não é possível desfrutar de suas águas e riquezas assim como fora no passado.

Para observar esse conflito discursivo basta ler os comentários de alguns vídeos disponíveis no Youtube acerca da Lagoa. A reportagem produzida pela Record TV do Rio de Janeiro intitulada “Lagoa de Araruama renasce”<sup>1</sup> é um exemplo de posicionamento positivo sobre a despoluição da lagoa. O próprio título já é o estandarte de sua intencionalidade. Porém, a guerra de posicionamentos se apresenta nos comentários. Um exemplo é o que registrou Patrick Abreu sobre a reportagem: “PROLAGOS CRIMINOSA!!!! Não trata quase nada! Espera os compartimentos ficarem cheios e despejar na lagoa, alegando que estão na capacidade máxima” (ABREU, 2022).

O segundo exemplo é o vídeo feito pela própria Prolagos, o documentário

intitulado “A lagoa vive”<sup>2</sup>. Mais uma tentativa de mostrar as belezas e os pontos positivos da lagoa, mas ocultar os problemas e realidades importantes para quem mora e vive nos lugares banhados por ela. Em resposta a esse discurso de

---

<sup>1</sup> Reportagem disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eVUgFdG95fE>.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YDLJ9Rqi-QQ>

afirmação, o pescador Luiz Augusto comentou: “É incrível como conseguem mentir dessa maneira, é inacreditável a cara de pau dessa concessionária”.

Outra resposta negativa ao discurso da Prolagos foi o comentário de Julio Santana: “Muito triste, nossa laguna era cristalina, e agora está podre... Esse documentário n eh real, infelizmente” (SANTANA, 2021). Carlos Alvarez também reforçou o discurso opositor ao vídeo: “Reportagem ridícula!!! Se está essa maravilha, desafio alguém da Prolagos entrar na lagoa, na Praia do Siqueira, mas tem que enfiar a cabeça na água (ou seja lá o que é aquilo). Alguém tem coragem????” (ALVAREZ, 2021).

Há ainda outro vídeo também produzido pela Record TV do Rio de Janeiro intitulado: “Pescadores comemoram o retorno de várias espécies na Lagoa de Araruama”<sup>3</sup>. Em resposta, Raphael Neto comenta: “Reportagem paga não vale, dá uma volta de barco pela Lagoa e passa principalmente pelas tubulações que despejam esgoto na Praia do Siqueira que vcs vão ver toda a verdade”. Destaque também para o questionamento de Debora Bezerra Costa: “Hoje dia 05/11/2021 estava na lagoa quando vi vários peixes mortos, se está limpa porque os peixes estão morrendo?” (COSTA, 2021).

Para sobreviver nessa arena discursiva diante do conflito ambiental que divide posicionamentos sobre a despoluição da lagoa, é fundamental criar estratégias discursivas para se manifestar, agir e lutar a favor do que se defende. Nosso recorte enfocará os discursos de posicionamentos críticos sobre a situação negativa em que se encontra a lagoa, ou seja, as construções de linguagem e pensamento de quem defende que há muito o que se fazer para tratar as águas de Araruama e o quão distante o lugar está do sonho ideal do passado remoto de águas limpas, pescado em abundância, trabalho fértil e sobrevivência garantida das famílias de pescadores. Nessa teia de discursos críticos aos discursos positivistas da “lagoa despoluída”, interessa a essa análise as construções metafóricas e o cenário metafórico construído como estratégias de persuasão e afirmação de posicionamento político

perante a situação ambiental.

Após investigação dos discursos dos pescadores participantes das entrevistas feitas para o Simpósio de Linguagens e Letramentos, realizado em outubro de 2021,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EMFA6jRBiS0>

promovido pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte, apresentamos os principais resultados sobre o cenário metafórico instaurado. Para a hipótese das metáforas conceituais CONFLITO AMBIENTAL É GUERRA e LAGOA DE ARARUAMA É CAMPO DE BATALHA, foram encontradas as seguintes instancias:

- 1- “somos um grupo unidos e de braços forte dificilmente seremos **vencidos**” (Eli Cardoso);
- 2- “um deputado atendeu o nosso clamor e a nossa **luta** se juntou com a ajuda do vereador a câmara” (Eli Cardoso);
- 3- “**Brigamos**, mas se não salvarmos a lagoa, viver para nós não tem mais sentido razão ou motivação” (Eli Cardoso);
- 4- “Forte, **militante**, tem um ritmo, tem uma batida, tem um tema ali, criando a simbologia da **luta** que é constante” (Eli Cardoso).

As palavras “vencidos”, “brigamos”, “luta” e “militante” apresentam as evidências linguísticas de que o processo de despoluição da lagoa de Araruama é conceptualizado em termos de guerra, luta, militância. Essa transição de domínios (de despoluição para guerra) vem reforçada de metonímia também, pela expressão “braço forte”, na frase 1, porque há uma troca de elementos de um mesmo domínio (o corpo) por uma parte (o braço) a fim de perspectivar a força do corpo. Porém a metonímia existe para reforçar outro pensamento metafórico: o corpo com o braço forte representa o grupo de pescadores pela metáfora GRUPO DE PESCADORES É UM CORPO FORTE. Segundo Charteris-Black (2005), na análise crítica da metáfora não há limitação de análise apenas de metáforas, mas também as metonímias que sustentam as construções metafóricas. Para o autor, “uma metonímia é quando uma palavra ou frase é usada para se referir a algo dentro do mesmo campo semântico; por exemplo, na política, uma data como 11 de setembro foi usada para se referir ao ataque ao World Trade Center (CHARTERIS-BLACK, 2005, p. 48-49).

Assim, o corpo de pescadores, perspectivado pela sua união e força, milita, luta e briga pela salvação da lagoa. Na frase 4, a palavra *militante* comporta a instância da metáfora bélica justamente por ter como um de seus significados a acepção a luta e combate. Segundo o dicionário on-line Michaelis<sup>4</sup>, militante é: “1. Que ou aquele que milita, que luta e combate. 2. Que ou aquele que defende uma causa ou ideia ativamente. 3. Que ou aquele que está em exercício ativo, que desempenha uma atividade” (MICHAELIS). Importa ressaltar que nas duas primeiras atribuições de significado para militante há o destaque de evidências bélicas: luta e combate (atribuição 1) e defende (atribuição 2). Assim, esse corpo forte, representativo do grupo de pescadores, milita em termos de musicalidade, pois tem ritmo, batida. Isso apresenta outra hipótese de metáfora: MILITAR A FAVOR DA LAGOA É DANÇAR. Outrossim, esse corpo que milita também pertence a uma família. É o que se evidencia na fala de Eli Cardoso: “sou da família Pescarte”, pela metáfora PESCARTE É FAMÍLIA.

Após a identificação da construção metafórica representativa do grupo que se posiciona criticamente perante instituições e autoridades culpadas pelo crime ambiental em questão, observaremos como é personificada a Lagoa de Araruama como estratégia persuasiva para evocar emoções, contar a história certa, construir seu mito para manifestar a ideologia do grupo. Seguem as evidências linguísticas da metáfora A ÁGUA DA LAGOA É PESSOA identificadas no poema de Luiz Claudio Motta, tanto nos trechos: “Teu choro lamento e pranto”, “Traduzem a dor dos seus frutos”, “minhas águas tranquilas me agraciam, mas, no entanto, não me acalma”; quanto no próprio título do poema “O Choro das Águas”. A personificação das águas é desenvolvida pelos atributos de chorar, sentir dor, tentar consolar a lagoa (me agraciam). O pescador Luiz Motta ainda desenvolve essa personificação agora para a lagoa apresentando outras evidências de metáforas conceptuais:

- LAGOA É SER QUE RESPIRA

“lamento estou abandonada, sofrendo, morrendo calada, com dejetos frequentes a me sufocar” (Luiz Motta);

- LAGOA É SER QUE GRITA

“se não puderem ouvir vou gritar, quem sabe bem alto pra o mundo escutar aquela que geme seus frutos que gritam, preciso de ajuda, sou tua lagoa, lagoa de Araruama” (Luiz Motta);

- LAGOA É CORPO NU

O forte vento me remove **as entranhas, desnuda** o centro da antiga nobreza (Luiz Cláudio Motta);

- LAGOA É VIDA QUE GEME E SOFRE PUNIÇÃO

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/militante/> - mostrando o realismo da minha vida desta que geme e sem razão é punida (Luiz Cláudio Motta);

- LAGOA É MÃE QUE CRIA / LAGOA É ÁRVORE QUE DÁ FRUTO

Essa lagoa já criou muitas famílias, as minhas filhas com o fruto desse mar (Luiz Cláudio Motta);

- LAGOA DE ARARUAMA É ÁRVORE / OS FRUTOS SÃO CARDUMES

“Traduzem a dor dos seus frutos. Que morrem em cardumes insólitos” (Luiz Cláudio Motta);

Diante da personificação das águas da lagoa e da própria lagoa, mediante o conflito discursivo face ao crime ambiental de poluição do lugar, instaura-se o cenário de salvação da lagoa de Araruama a partir dos trechos dos poemas de Eli Cardoso e Luiz Cláudio Motta:

I- **A vítima** - A Lagoa de Araruama

Como acontece a caracterização da vítima: “Vejo a lagoa como um ser doente, mas produzindo muito camarão” [...] há uma ameaça de aniquilação da vítima e seus efeitos “com uma lagoa morta, não existe trabalho e prazer” (Eli Cardoso);

A lagoa é uma vítima paciente: “Anos se passam vou ter que esperar por aqueles que se assentam e conversam prometem ajudas, mudanças, processo que acabam os ignorados por lá. Aquela que chora e lamenta continua agonizada, tormenta com desejo de querer mudar” (Luiz Motta);

A própria lagoa se reconhece como vítima que precisa ser salva: “Se eles pensassem no futuro, sairiam de cima do muro para poder me salvar” (Luiz Motta). O trecho aciona outra metáfora: NÃO TOMAR DECISÃO/NÃO SALVAR A LAGOA É FICAR EM CIMA DO MURO;

II- **O tempo da salvação.** O pescador ao me cobrar tinha razão. Ainda é tempo a nossa lagoa ainda tem salvação;

III - **A ação do vilão:** Uma maldade – um crime: “Moço, as autoridades e as indústrias conosco fizeram maldades”;

IV- **O vilão:** as autoridades e as indústrias, Prolagos – [...] “fomos à tribuna e sabatinamos a Prolago. [...] “Moço, as autoridades e as indústrias conosco fizeram maldades (Eli Cardoso);

V- **Efeito do crime:** “sumiu o pescado, peixe, camarão, moço [...]” (Eli Cardoso);

VI- **Herói da Lagoa** – pescadores artesanais – o herói depende existencialmente da vítima – “Brigamos, mas, se não salvamos a lagoa, viver para nós não tem mais sentido razão ou motivação. Morreremos com ela” O trecho aciona a metáfora: **COMUNIDADE DE PESCADORES É PESSOA – COMUNIDADE DE PESCADORES É HERÓI;**

VII- **Ações do herói** (pescadores militantes) – “criamos a comissão”. [...] “Fomos à Câmara de Vereadores e cobramos decisão” [...] “mas o que depender do morador, do pescador, daremos nosso tempo, cansaço, sacrifício e suor. Nosso sangue, nossa vida, doamos tudo que somos e que temos a você, lagoa” (Eli Cardoso);  
“Quando olhar para a sua família, seus amigos, seus patrimônios para o seu serviço da pesca e da lagoa, pro pescador, não posso esquecer. Aqui fiquei muitos anos, mas nada fiz por você;  
“CONAMAS, leis, portarias, fiscalização, defeso das espécies e proteção. Mas do seu habitante não fiz nada não. Aí penso e reflito. O pescador ao me cobrar tinha razão” (Eli Cardoso).

O cenário da metáfora da salvação da lagoa também se estrutura pelo cenário de um crime. Porém, o crime também é construído metaforicamente nos discursos analisados, pois se conceptualiza o crime em termos de contabilidade moral, ou seja, assim como acontece no domínio-fonte de uma dívida (há uma cobrança da dívida, a dívida que acontece quando algo positivo é tirado de alguém ou ainda quando a vítima do crime precisa ser compensada pela ação do crime). Para Charteris-Black (2005, p. 271), “Crime e punição são fundamentais para a metáfora da contabilidade moral e legitimação ética [...]”. O autor justifica tal afirmação com base em Lakoff (2002), para o qual a punição vem da desobediência de uma autoridade legítima, ou ainda quando se tira algo positivo de alguém. Portanto, é pela metáfora da contabilidade moral que se “associam os domínios das

finanças ao crime e à punição”. Nos discursos políticos analisados por Charteris-Black, o autor observou que a construção metafórica do domínio-fonte da contabilidade faz surgir a dívida e a proporção com que a dívida é apresentada ao povo garante a legitimidade das ações políticas que são feitas na finalidade representativa de tentar restaurar a igualdade moral de um país, por exemplo. É por isso que “metáforas de crime e punição estão enraizadas na noção de legalidade e no mito de inocência e culpa que está implícito na metáfora da contabilidade moral” (CHARTERIS-BLACK, 2005, p. 275).

Os trechos a seguir apresentam evidências linguísticas de que o crime de poluição da lagoa foi conceptualizado em termos de finanças, dívida que precisa ser cobrada, vítima que precisa ser compensada. Primeiramente, vamos recuperar o crime: “Moço, as autoridades e as indústrias conosco **fizeram maldades**” (Eli Cardoso). Há também o efeito do crime: “sumiu o pescado, peixe, camarão, moço”. Esse efeito é justamente o elemento positivo que foi retirado da vítima, a lagoa e, conseqüentemente dos pescadores. A partir do momento em que a vítima perde algo de positivo, surge o domínio da dívida, da restauração do que foi perdido. Daí a dívida deve ser cobrada:

Fomos à Câmara de Vereadores e **cobramos** decisão. Pois somos um grupo unidos e de braços forte dificilmente seremos vencidos. Moço voltamos à câmara e dezesseis vereadores se omitiram um só nos deu força e para nós foi suficiente. [...] Mas **cobramos** e exigimos dela (PROLAGOS) e do município limpeza e dragagem da nossa lagoa. Agora com a Petrobras e IBAMA ainda queremos conversar. A Petrobras amiga? Tudo que faz é por obrigação. Ou seja, por exigência do IBAMA, transformando-a em **compensação**. O pescador ao me **cobrar** tinha razão. Ainda é tempo a nossa lagoa ainda tem salvação (Eli Cardoso).

Além da criação da cobrança da dívida para compreender o problema do crime ambiental, a metáfora da contabilidade moral atinge os culpados e a culpa torna-se uma entidade de peso por meio da consciência do culpado. É o que aparece em: “Fiquem os senhores com suas **consciências pesadas**” (Eli Cardoso).

As evidências linguísticas das hipóteses de metáforas conceptuais aqui propostas, mostram que não estamos no nível de contemplação da metáfora poética, apesar de parte do corpus ser considerada poesia por seus autores que se apresentaram no Simpósio de Linguagem e Letramentos em outubro de 2021. Trata-se da metáfora política que ao sugerir um significado adicional aos significados preexistentes tem a função de influenciar o pensar e o agir de seu público ouvinte. É o que se afirma em Musolff (2016, p. 136).

O discurso político, por outro lado, é caracterizado por debate e disputa porque seus participantes visam obter uma vantagem de poder uns sobre os outros, oferecendo ao seu público novas nuances de significado e interpretações, que prometem levar a novas iniciativas no campo político processo. Seu tipo funcional dominante não é poético, mas polêmico e interacional: influenciar as crenças e atitudes dos outros e sugerir novos cursos de ação. A metáfora política serve, portanto, principalmente como um meio para mudar significados e, portanto, mudar atitudes sociais e políticas.

Criar o cenário da salvação e apresentar diversas conceptualizações (personificações) da lagoa bem como metáforas para explicar seu processo de poluição e situação degradante atual diz respeito a um meio para mudar as atitudes sociais e políticas dos próprios pescadores bem como das instituições responsáveis pela despoluição do local. A diversidade de metáforas aqui observadas representa essa diversidade de versões de cenários metafóricos, são a ampliação do cenário da salvação da lagoa. Para Musolff (2016), na comunicação política há sempre sucessões de debates e, como toda comunicação, há sempre suspeitas de mentiras ou informações vagas. Diante desses desafios de potenciais contestações, ganha o discurso com mais convencimento e, conseqüentemente, com mais “construções de cenários discursivos” que existem pelas construções metafóricas (MUSOLFF, 2016, p. 137). Para Musolff, o estudo do cenário pelas construções metafóricas são ferramentas de análise complementar ao estudo da metáfora conceptual. Estudar cenário metafórico tem a sua importância porque “tranquiliza seus usuários de participar dos debates públicos cruciais de sua comunidade e, ao mesmo tempo, permite novas aplicações de mudança de significado que fazem a metáfora parecer convincente” (MUSOLFF, 2016, p.138).

## **Considerações finais**

As evidências linguísticas das hipóteses de metáforas conceptuais aqui propostas mostram que não estamos no nível de contemplação da metáfora poética, apesar de parte do corpus ser composta de poesia como assim afirmaram seus autores durante o referido Simpósio de Linguagem e Letramentos. Concluímos que se trata, pois, de metáforas políticas ao sugerirem um significado adicional aos significados preexistentes com a função de influenciar o pensar e o agir de seu público ouvinte. É o que se afirma em Musolff (2016, p. 136): “A metáfora política serve, portanto, principalmente como um meio para mudar significados e, portanto,

mudar atitudes sociais e políticas”. Criar o cenário da salvação e apresentar diversas conceptualizações (personificações) da lagoa bem como metáforas para explicar seu processo de poluição e situação degradante atual é, na verdade, um meio para mudar as atitudes sociais e políticas dos próprios pescadores bem como das instituições responsáveis pela despoluição do local. A diversidade de metáforas aqui observadas representa essa diversidade de versões de cenários metafóricos, são a ampliação do cenário da salvação da lagoa.

## Referências

CARDOZO, Eli. **Simpósio de Linguagens e Letramentos** – Entrevista. Outubro de 2021- Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte- Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/1NIWPWtWp1rFPznXtsErK04widmr6Q0RE/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1NIWPWtWp1rFPznXtsErK04widmr6Q0RE/view?usp=share_link)

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006

CHARTERIS-BLACK, J. **Politicians and Rhetoric: The Persuasive Power of Metaphor**. London: Palgrave, 2005.

CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus approaches to critical metaphor analysis**. London: Palgrave MacMillan, 2004.

CHILTON, P. **Analysing Political Discourse: Theory and Practice**. London: Routledge, 2004.

KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. Oxford U. Press, 2010.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: Harvard University Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Grupo GEIM. Campinas: Mercado de Letras/EDUC, 2002.

MOTTA, LUIZ. **Simpósio de Linguagens e Letramentos** – Entrevista. Outubro de 2021- Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/1mGFDac1s0AKRycm5a1Hxz8ESL4FKsbDW/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1mGFDac1s0AKRycm5a1Hxz8ESL4FKsbDW/view?usp=share_link)

MUSOLFF, A. **Metaphor and Political Discourse: analogical reasoning in debates about Europe**. London: Palgrave Macmillan, 2004.

MUSOLFF, A. **Metaphor in scenario in the public discourse**. Metaphor and Symbol. United Kingdom, v. 21, n.02. p. 23-38, 2006.

MUSSOLF, A. **Political Metaphor Analysis**: Discourse and Scenarios. Bloomsbury Academic. London New York, UK, USA: 2016

VEREZA, Solange. A metáfora na linha de frente: mapeamentos de guerra na conceptualização da pandemia de covid-19. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 69, p. 52–89, 2021. DOI: 10.9771/ell.v0i69.44288. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44288> . Acesso em 20 de set. 2022.